

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIABILIDADE	
Fonte:	A Tribuna (Tribuna)
Data:	31/1/98 Pg 1 e 8
Class.:	1595

TRIBUNA

A FACULDADE DE MOTORISTAS

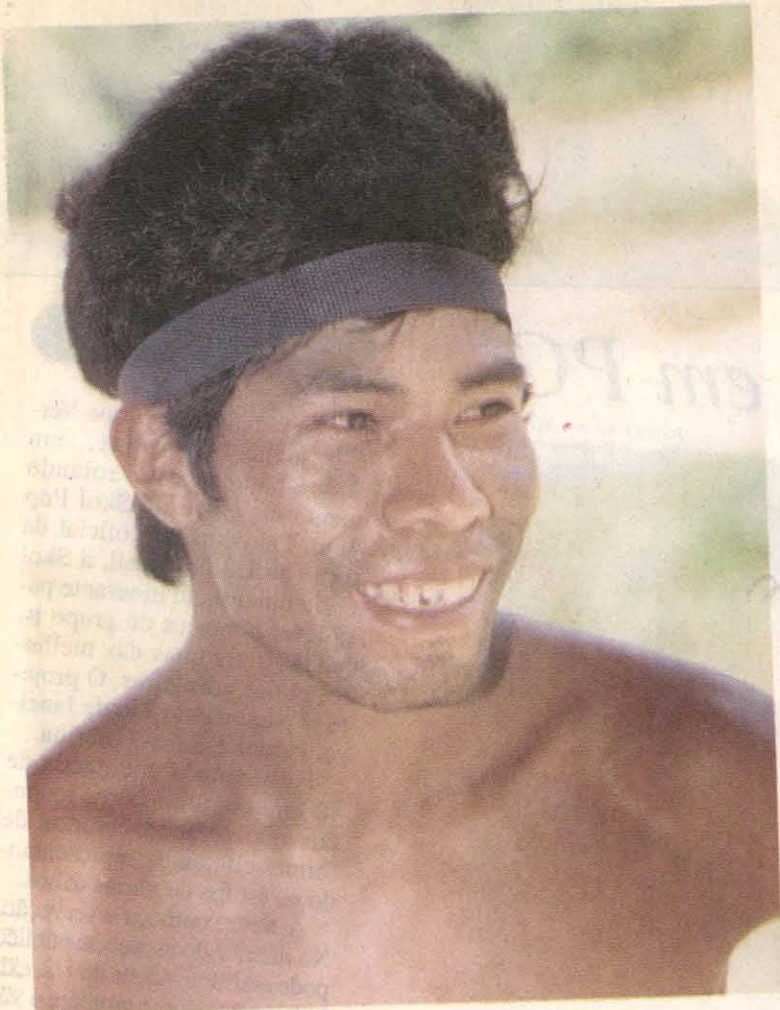
GOVZAGA
AUTO MOTO ESCOLA
Av. Ana Costa, 455 © 284.7300 / 284.9690



VIDA DE ÍNDIO

PÁG. 8

O pajé Gino é um dos líderes espirituais da Aldeia Rio Silveira, que fica na divisa de Bertiooga e Boracéia. A tribo tupi-guarani ainda resiste e guarda tradições e lendas



Daniel dá aulas de canto e dança para as crianças



Clarisse acha que há muitas coisas boas para fazer na aldeia



A índia Clarinba tem 20 anos e está esperando seu quarto filho

UM POVO QUE RESISTE

THAÍS LYRA
Da Reportagem

antes dos portugueses chegarem por aqui, quem dominava o território — que nem tinha o nome de Brasil — eram os índios. Mais de oito milhões. Os anos foram passando e a população indígena foi ficando em número menor. São vários os fatores que colaboraram para isso. Mesmo assim, eles resistiram ao tempo e à civilização.

Muito se ouve que a população indígena do País está acabando. Para quem acredita nisso, uma boa notícia: a tribo tupi-guarani está aumentando. Uma taxa anual de 7% de crescimento e uma população extremamente jovem vivendo nas aldeias. Em uma das reservas indígenas guarani, localizada na divisa entre Bertioga e São Sebastião, que abriga os núcleos Rio Silveira, Morro e Barra do Una, em 96 e 97, 23 novos índios nasceram.

Atualmente, hoje lá vivem 296 índios, espalhados pela área, demarcada pelo Governo. Se a mortalidade infantil diminuiu não foi por acaso. Com a ajuda de órgãos públicos como prefeituras — no caso de Bertioga — e da Funai (Fundação Nacional de Amparo ao Índio), eles têm conseguido sobreviver e resguardar uma cultura tão cheia de histórias, lendas e mistérios, apesar de você encontrar alguns eletrônicos, como radiogravador.

Nessa aldeia, por exemplo, há um posto médico com duas enfermeiras, que se revezam em plantões de 24 horas. Uma vez por semana um médico visita as crianças para prevenção de doenças. Isso tudo tentando não interferir nas

tradições e crenças deste povo.

Além disso, a aldeia também conta com uma escola, onde as crianças são alfabetizadas em português e ainda recebem aulas da cultura tupi-guarani com um índio chamado Daniel, 29 anos. Seu nome indígena é Crai Poti Mirim. “Dou aula de dança e canto para as crianças, para passar a cultura por meio da dança”.

Cultura essa que ele tenta preservar. Daniel, por exemplo, passa tinta no corpo para “se proteger contra os espíritos maus”. Aprendeu com sua mãe a extrair a tinta “da natureza”, da planta diabele. Ele explica que o processo “não é fácil” e que demora “uns três dias para sair”.

O índio-professor é casado e tem quatro filhos. Veio do Paraná e sua família ficou lá. Aqui, constituiu a sua e faz sua vida, dando aulas na Escola Aldeia Rio Silveira.

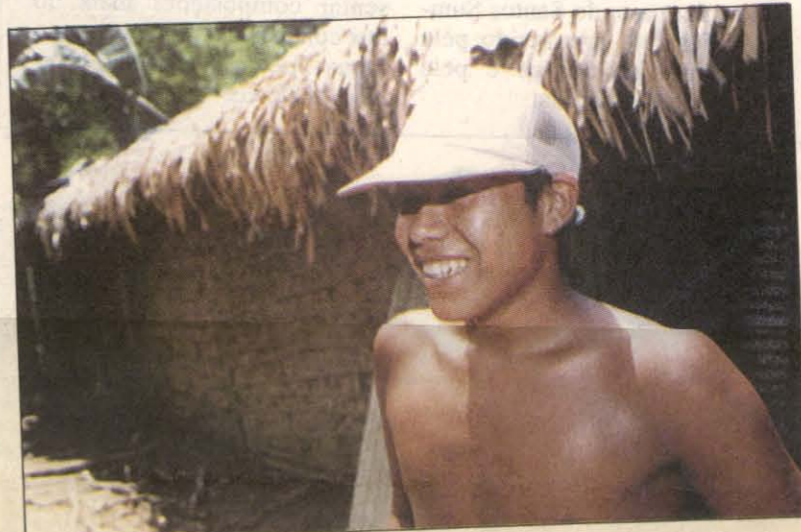
A sobrevivência dos índios, antes atrelada à comercialização de palmito, hoje está suspensa em razão da escassez da espécie nativa, juçara. Para minimizar o problema, o jeito foi desenvolver alternativas, como o plantio de outra espécie de palmito: o pupunha, que demora menos tempo para crescer e em dois anos e meio já poderá ser comercializado, trazendo assim o ganha-pão.

Na aldeia são cultivadas flores exóticas da Mata Atlântica para a produção de arranjos, vendidos nos hotéis e pousadas da região. Um trabalho que vem incrementar o sustento das 40 famílias que vivem nos três núcleos.

Há também a venda dos produtos artesanais na beira da estrada, como colares, arcos, leques, cestas feitas pelos índios. Mas não existem tantos compradores assim. Todos os produtos custam R\$ 5,00.



As casas são simples, de chão batido e teto de folha de palmeira



Alexandre está começando a realizar cerimônias sozinho

ESPIRITUALIDADE DOMINA

Para os tupi-guaranis, a parte espiritual é a mais importante. A religião para um guarani está acima de tudo e é ela que comanda seus caminhos. O técnico indigenista da Funai, Márcio José Alvim do Nascimento, que há dez anos convive com a população da aldeia e há 18 trabalha com índios, conta que em algumas aldeias no norte do Brasil várias facções religiosas se infiltraram, confundindo a cabeça da população indígena. “Houve vários casos de suicídio”.

Mas na aldeia de Boracéia a religiosidade predomina. Cultuando tradições e cerimônias, eles mantêm viva a cultura indígena. Desde cedo, crianças aprendem o poder que os espíritos (bons ou maus) exercem sobre as pessoas.

E para que um índio seja sempre feliz e sadio e não sofra influências negativas, é imprescindível ter um nome certo. A escolha desse nome é feita pelo pajé em uma cerimônia, a Enmongaraí. A festa é anual e atrai autoridades religiosas de outras aldeias. É a celebração mais importante. É nela que os deuses indicam qual é o no-

me certo a ser colocado na criança. Se não for bem escolhido pode trazer sérios transtornos, como doenças e problemas espirituais.

Todo poderoso — Aliás, o pajé é a figura mais importante da aldeia e é ele quem determina condutas de comportamento dos índios. “Ele é o instrumento de Deus (Inhaderu)”, explica Alexandre, 20 anos. Muitas vezes é o pajé quem dá jeito nos índios mais rebeldes e tem mais autoridade do que os próprios pais. Jesus Cristo é chamado de Tupã e há diversos deuses que cuidam de coisas específicas, como o do sol, da lua, das flores.

Comparando com a religião católica, o pajé seria o papa. Na aldeia há pajés de poderes menores, que seriam os bispos. Gino, nome indígena Uera Tucumbo (homem do trovão), é um desses exemplos. Ele fala que o cachimbo do pajé é o maior de todos e isso é um dos indicadores de seu poder.

MUITA RESPOSTA

A maturidade de um índio começa cedo. A partir dos 12 anos, tanto meninas como meninos se casam. Alexandre, que vive há 18 anos em Boracéia, é um desses exemplos. Casou com 15 anos e tem três filhos.

Bastante espiritualizado e comunicativo, está começando a atingir um estágio dentro da aldeia em que pode fazer algumas cerimônias sozinho. Todas as noites eles rezam e pedem para que o dia seguinte seja de calor e feliz. Também oram em favor de índios que estão com problemas espirituais e “sem vontade de fazer nada”.

A vida dentro de uma aldeia pode não ser das mais agitadas em nosso ponto de vista. Entretanto, revela muitas surpresas. Jovens com 15 anos são casados e têm filhos. Clarisse (Cunhepapa) é uma menina de 15 anos. Tem um filho de um ano e seis meses. É casada desde os 13 com um índio que tinha 16 na época do casamento. Ela conta que nunca foi à cidade e que passa seus dias “às vezes fazendo artesanato e tomando banho de cachoeira”.

Sua irmã Clarinha, ou melhor, Cunhanhadua (mulher que ouve), 20 anos, tem três filhos. Em abril nasce o quarto. Timida, não gosta muito de papo e prefere observar a responder a perguntas.



Patrícia e Alessandro ficaram impressionados com a aldeia

Eles foram conferir

O Tribu chamou dois jovens para conhecer a Aldeia Rio Silveira. Os irmãos Patrícia, 23, e Alessandro Marques, 18, nunca tinham entrado numa tribo e foram conferir como vivem os índios da região. Ficaram bastante impressionados com o que viram, já que a distância entre eles e a civilização não é tão grande.

“Achei bem interessante”, fala Patrícia, que ressalta o fato de os índios não saírem da aldeia, apesar da proximidade com a chamada civilização. Pelo que pôde observar, Alessandro achou a população guarani local formada em sua maioria por jovens ou crianças. “Eles são em maior número”.

Patrícia comentou que os índios são bilíngues. “Eles falam português e tupi-guarani”. Ela também achou tudo muito diferente. “É um povo muito reservado, que leva sua vida sem se influenciar”.